

Duquesne University

## Duquesne Scholarship Collection

---

Antologia Espiritana

Anthologie Spiritaine

---

5-1-2010

### 15. DISCERNIR A MISSÃO A NÓS CONFIADA E PERSEVERAR NELA, Ao P. Le Vavasseur

Christian de Mare CSSp

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/anthologie-spiritaine-portuguese>



Part of the [Catholic Studies Commons](#)

---

#### Repository Citation

de Mare, C. (2010). 15. DISCERNIR A MISSÃO A NÓS CONFIADA E PERSEVERAR NELA, Ao P. Le Vavasseur. Retrieved from <https://dsc.duq.edu/anthologie-spiritaine-portuguese/71>

This III is brought to you for free and open access by the Anthologie Spiritaine at Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Antologia Espiritana by an authorized administrator of Duquesne Scholarship Collection.

## 15. DISCERNIR A MISSÃO A NÓS CONFIADA E PERSEVERAR NELA

Ao P. Le Vavas seur<sup>193</sup>

*A Congregação do Sagrado Coração de Maria, fundada por Libermann em 1841, integrou-se na do Espírito Santo em Setembro de 1848. Chegando de Bourbon há pouco mais de três meses, o P. Le Vavas seur trabalha com Libermann no governo da Congregação do Espírito Santo restaurada. A 7 de Maio, a seu pedido, parte numa viagem de recrutamento pelos seminários de França.*

*Impressionado pelas críticas ouvidas contra o Seminário do Espírito Santo<sup>194</sup>, escreve, em 16 de Maio, uma “carta terrível” a Libermann. É a sua “terceira tentação”.*

*Libermann responde-lhe no dia de Pentecostes: “propõe a dissolução do Seminário, o nosso regresso ao Gard, e o abandono das colónias... Isso seria uma das ofensas mais graves... que a nossa pequena Congregação poderia fazer a Deus”.*

*Quanto ao relatório referido nesta carta, Paul Coulon<sup>195</sup> publicou-o na sua obra Libermann e nós reproduzimo-lo aqui, mais à frente, no cap. VII, 5.*

Paris, no santo dia de Pentecostes de 1850

Caríssimo confrade,

Recebi esta manhã a sua carta (a de 16). Vejo que está dominado por fortes impressões e as soluções que me propõe parecem-me exageradas. Medite com calma, na presença de Deus, sobre o que se passa consigo, e verá

<sup>193</sup> ND XII, pg. 198-204.

<sup>194</sup> Fundada em 1703, a Congregação do Espírito Santo estava ao serviço do Seminário do Espírito Santo que formava seminaristas pobres para os ministérios mais desguarnecidos. Ao mesmo tempo que se alargava a sua vocação missionária cresciam também as dificuldades com que o Seminário se tinha de confrontar para garantir a qualidade dos seus antigos alunos. Daí as críticas.

<sup>195</sup> Paul Coulon e Paule Brasseur, o.c., pg. 662-669.

*Antologia Espiritana*

que as suas opiniões se excedem e não entram nos desígnios de Deus. Tal como você, também eu sou de opinião que é preciso advertir e advertir com energia, mas não creio que tenhamos de sair do caminho de Deus. Até agora temo-nos mantido no caminho da Providência, e só ela nos tem conduzido; nunca pude realizar um plano sonhado por mim; sempre realizei, como que por encanto, por entre cruces e sofrimentos, verdade se diga, tudo o que, providencialmente, nos era proposto. Por isso, seria muito pior para nós do que para qualquer outro trocarmos este caminho pelas nossas próprias ideias, por mais fervorosas e generosas que elas sejam.

Vejo, assim, dois defeitos na sua opinião: primeiro, creio que é uma ideia pessoal que não vem de Deus mas que é acicatada pelas impressões e pelos desgostos provocados por aquilo que lhe foi dito; segundo, a sua opinião vai para além do modo normal de agir de Deus. Para a seguir, seria necessária uma inspiração sobrenatural bem certificada.

Propõe a dissolução do Seminário, o nosso regresso ao Gard<sup>196</sup> e o abandono das colónias. Estou persuadido que seria uma das ofensas mais graves, uma das injúrias mais violentas que a nossa pequena Congregação poderia fazer a Deus; mais ainda, creio que esse comportamento ditaria a nossa morte, porque nos levaria a merecer o abandono de Deus, nos deixaria muito mal vistos perante os homens e instalaria talvez mesmo a confusão e a desordem nas nossas fileiras.

Creio que não podemos, sem faltar gravemente à vontade divina, deixar o Seminário, nem abandonar as colónias. Deus, a sua divina Providência, colocou-nos no Seminário, enviou-nos para Bourbon e Maurícia; não temos nada que resmungar contra as suas ordens, nem que dizer que já basta o que fizemos para obedecer à sua boa e santa Providência.

A obra do Seminário é difícil, muito difícil; somos pobres e fracos de mais, mas será isso razão para a abandonarmos? Se os bispos não nos quiserem ficaremos desobrigados, mas sermos nós a fazer por isso seria um crime. Não há dificuldade que se não vença com a ajuda de Deus. Por isso, deixemos atuar a sua divina Bondade e não tenhamos a fraqueza de abandonar uma obra tão importante. Agir sob impressão, numa obra como esta, para a rejeitar, não é agir como homens de Deus, que devemos ser. Não, ainda que fosse necessário ser esmagado sob o peso desta obra, deixar-se enterrar sob os seus escombros.

<sup>196</sup> Nossa Senhora do Gard, casa de estudos da Congregação do Sagrado Coração de Maria até 1855.

*Congregação do Espírito Santo*

Abandonar a obra é deixar arder a casa de Deus sem lhe acudir.

Você quer que eu diga aos bispos: destruí, reduzi a nada este Seminário. Diz que, havendo bispos, não temos mais nada a fazer. Nenhuma dessas ideias me parece segundo Deus, porque qualquer uma delas, se executada, acabaria com a religião nas colônias, e deixaria os bispos na mais crítica das situações, sem saída possível. Teriam razão de nos censurar por termos feito tudo para os fazer nomear, e depois os termos abandonado até ao ponto de não poderem fazer nada. Estou intimamente convencido que, se os bispos fossem obrigados a colocar os seus seminaristas nos seminários de França, as colônias ficariam sem recursos. Essa ideia parece-me utópica e impraticável. De modo nenhum eu seria do parecer que se desse tal conselho aos bispos.

Portanto, a minha opinião é que devemos continuar com o encargo desta casa até que a divina Providência nos expulse de lá, e que devemos tomar todas as medidas para fazer dela uma casa santa, o que, querendo Deus, havemos de conseguir por mais fracos que sejamos. Diz que os padres das colônias devem ser mais instruídos que os outros. Não vejo muito bem porquê; mas, a terem que o ser, diz então que não temos meios para os instruir bem, que não somos capazes disso. Mas a maioria dos seminários têm melhores professores? Não somos capazes de dirigir o Seminário! Nesse caso também não somos capazes de dirigir a Congregação, mas a princípio ainda o éramos menos. Se não for para contarmos com Deus, é melhor então retirarmo-nos imediatamente para o deserto, e não nos metermos mais nas obras de Deus. E então quem é que se vai ocupar das obras de Deus? Os sábios? Os hábeis? Com semelhante raciocínio, nenhum homem seriamente piedoso poderia ocupar-se de uma obra importante, porque nenhum homem desses sentirá força e capacidade para ter bom êxito; assim, só os que se tivessem a si mesmos em alta consideração teriam em mãos as obras importantes, ou seja, só os incapazes de as realizar segundo Deus. Não, você não está na verdade de Deus. Por mais pobres que sejamos, seremos bem sucedidos se formos fiéis. Não devemos intrometer-nos por nossa iniciativa, por presunção, nas obras de Deus; mas se for Ele a meter-nos lá, mal de nós se fugirmos! Devemos contar com Ele e Ele não nos faltará.

Quanto às colônias, penso que os negros são e serão por muitos anos mercedores de nossos cuidados. Não penso que os negros deixem de estar abandonados por terem bispos e os bispos terem dinheiro. Examine a questão com calma e de modo prático, e verá que os negros de Bourbon têm e terão ainda por muito tempo necessidade da nossa ajuda. Além disso, Deus deu-nos

*Antologia Espiritana*

a eles, e não podemos abandoná-los mal as suas necessidades deixem de ser tão grandes como dantes. A Guiné é preferível, sem dúvida; mas isso não quer dizer que os negros das colónias já não pertençam à nossa obra.

Portanto, creio que Deus quer que gravemos bem no espírito e no coração que devemos sacrificar-nos à obra das colónias, e que façamos tudo o que de nós dependa para a colocar no ponto que Ele quer. Se até agora esteve mal, quer que trabalhem para a pôr bem e para ajudar os bispos o mais que pudermos a salvar as almas que lhes estão confiadas. Trata-se de procurar os meios conducentes a esse resultado; essas é que devem ser, creio, as nossas preocupações. Nutrir-nos com a ideia de que devemos abandonar a obra é o meio que o inimigo usa para nos impedir de procurar remediar o mal e para criar confusão quando o horizonte parece querer desanuviar-se, ou seja, quando a divina Bondade parece querer fazer brilhar a sua misericórdia sobre tantos milhares de almas.

Portanto, metamos bem na cabeça que Deus quer que façamos esta obra e pensemos só numa coisa, em procurar os meios de a realizar segundo Deus. Isso não é decerto tão difícil como pensa. Faça compreender bem nos seminários o estado das coisas, tal qual é. Por certo que sobre o Seminário do Espírito Santo não vai encontrar em toda a parte a mesma impressão horrosa que encontrou nos lugares por onde acaba de passar. Se encontrar quem tenha a mesma inquietação, evite falar de maneira a aumentá-la; pelo contrário, é necessário mostrar que estamos no momento em que Deus quer sarar os males das colónias e do seu Seminário, e que necessitamos da ajuda dos seminários de França para o conseguir.

Quando, por um lado, tiver mostrado aos bispos a antiga Congregação do Espírito Santo extinta; quando lhes tiver assegurado que no Seminário há um só diretor (o P. Warnet não regressará mais e o P. Hardy não é diretor, não se mete em nada, é pensionista); quando, por outro lado, lhes fizer ver que temos menos de trinta alunos, e que destes vamos despedir todos os que não têm as disposições desejáveis, ficando só com uma dezena; quando lhes disser que já no ano passado despedimos quinze, tidos na conta de menos bons na ciência e na piedade, e que desses quinze, cinco foram recebidos nas dioceses de França e da Argélia, então verão que podem enviar à confiança os seus alunos, e que estamos decididos a pôr o Seminário de acordo com o que desejariam ver. E, ao fazer sobressair, por um lado, a extrema necessidade das coló-

*Congregação do Espírito Santo*

nias, o muito de bem que há lá para fazer, e a facilidade de o fazer, e por outro, a necessidade extrema que temos de que nos enviem bons, e só bons candidatos, então não podem abandonar-nos. Se acrescentar a isso que nas colônias se passa o mesmo que no Seminário, que o número de padres já foi consideravelmente reduzido, e que novas purgas serão feitas para manter só os que são bons, não sei como poderão ter repugnância em enviar gente para o Seminário.

Vejo pela sua carta que o meu relatório não está como desejava. Antes de o distribuir, diga-me o que pensa. Se acha que não está bom, diga-me com algum detalhe como é que o quer.

Vou escrever aos PP. superiores de Nancy e de Saint-Dié para lhes dizer que soube por si da repugnância deles em enviar candidatos para o Espírito Santo, e para pedir que não nos abandonem agora que a Providência nos pôs em condições de reparar todo o mal; vou fazer-lhes ver que o abandono por parte dos diretores dos seminários nos iria mergulhar nas mesmas dificuldades do passado, sobretudo se continuarem a mandar-nos os que nem eles já querem, o que nos forçaria a renunciar à obra colonial.

Não escreverei, no entanto, antes de saber o que é que você pensa.

Outra coisa que poderíamos ainda fazer era que os bispos, numa carta circular, fizessem menção do estado atual do Seminário e da sua nova direção.

Esqueci-me de lhe enviar o seu celebret, aqui vai.

Todo seu em Jesus e Maria.

**F. Libermann, padre**

P.S. – Apesar de tudo o que lhe disse de desagradável sobre a sua carta, ela fez-me um grande bem; deu-me novo ânimo para empregar todas as minhas forças ao serviço de Deus em favor dessas pobres terras tão desgraçadas que até os homens de Deus desesperam delas. Quanto a mim, tenho mais esperança que nunca; e isso precisamente por o seu estado parecer tão desesperante.

*Antologia Espiritana*

---

Não se esqueça de conseguir em cada região um homem seguro, que se disponha a dar-nos informações certas sobre os candidatos. Tanto quanto possível, um diretor de seminário<sup>197</sup>. Prometa-lhe o maior segredo, não só sobre as informações mas também sobre a função de que ele se queira encarregar.

Estou confuso sobre a admissão dos que se vão apresentar. Se admitir os primeiros, corro o risco de ficar sem vagas no noviciado ainda antes do seu regresso dessa sua viagem, supondo que haja um bom número a candidatar-se de imediato. Diga-me o que pensa. Acontece o mesmo em relação ao Seminário. Lembre-se que para o Seminário vamos precisar dum bom número. Se nos vierem 50, poderemos aceitá-los, se forem bons. Vinque bem esta condição, a da reta intenção, do zelo e da dedicação.

Se achar que o meu relatório não satisfaz, poder-se-á esperar até que eu mande outro mais tarde.

---

<sup>197</sup> Segundo a terminologia em uso na época de Libermann, chama-se “diretor” a um padre que num seminário maior trabalha na formação e acompanhamento dos futuros padres. Não é ele o superior do seminário.